



Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

INQUÉRITO PAROQUIAL DE 1842 - S. JOÃO BAPTISTA DE CASTELÕES.

(sem indicação de autor)

Ano: 1998 | Número: 108

Como citar este documento:

(sem indicação de autor), Inquérito paroquial de 1842 - S. João Baptista de Castelões.
Revista de Guimarães, 108 Jan.-Dez. 1998, p. 193-222.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

S. João Baptista de Castelões¹

Guimarães — Inquérito paroquial de 1842

Revista de Guimarães, n.º 108, 1998, pp. 193-222

Quesito primeiro sobre a Geografia

Esta freguesia de S. João Baptista de Castelões acha-se situada em um horizonte oblíquo, genericamente falando, porque é Topografia da Corografia Lusitana, assim constituída comparativamente em maior ou menor ponto deduzido do grande corográfico, posto que menor comparado com o cosmográfico geral. Constituindo-se porém horizonte mutável ou sensível que autorizam para fingir muitos horizontes, ou infinitos, sua situação é alta, e elevada pelo Oriente, ou este se constitua Brumal, ou Estivo.

É declive ao Setentrião e Sul e, por isso, pantanosa, nos fundos, e margens dos rios e serras que a cercam, e adiante farei menção nos quesitos décimo e undécimo, contentando-me dizer aqui seus nomes, que são pelo Nascente: a Serra da Espinha, dita de Santa Iria, vale de Piscos, Bartelas, Varzielas, até Andorinha e caminhando de Andorinha até o sítio da Abelheira que, comparativamente com o de Andorinha, fica sendo para este Ocidente Estivo, e este, para com aquele de Abelheira fica sendo Andorinha Oriente Inverno. Está esta dita freguesia dividida pelo Rio Ave, que desde o sítio ao sítio indicado, formam o Norte da freguesia. Caminhando ocidentalmente, do Oriente Estivo, para o Brumal, tem a devesa escura, o Penedo Redondo. Os marcos da Cumieira, a Pedra Lisa, e Ponte de Lamadarias, no rio

¹ Data de circular de onze de Março de mil e oitocentos e quarenta e dois.

pequeno, que tendo seu princípio em Vila Cova, tem fim em Arosa onde se mete no Ave. É dividida por este rio pequeno (margado de Campinas) do Ocidente para Sul, cuja divisão termina à Ponte de Tarrio; e principiando nesta a divisão austral, tem o Regueiro da Espinha até à Serra, onde principiou a divisão Oriental. Fará de circunferência uma légua e, dos lugares mais distantes à igreja, meia légua, segundo o costume de contar entre nós.

Avistam-se desta freguesia, ao Nascente, a freguesia de Sobradelo, com quem confina a Serra de Merouço, a de Cabreira, e Gerês mais para o Oriente Brumal. Ao Norte a freguesia de Travassós (metido de premeio o Ave) e Santuário de Nossa Senhora do Porto de Ave, Castelo e Templo do Pilar tudo do concelho da Póvoa de Lanhoso. Divisa-se ao Poente Arosa, com quem confina. Os matos e terras da Gondarilha (a que se diz, os Godos puseram nome derivado do seu) a torre da Mota em S. Martinho do Campo, a Taipa, a Serra da Falperra, e capela de Santa Maria Madalena, e Santa Marta. Mais inclinada ao Sul divisam-se a Serra de Santa Marinha do Outeiro alto, em Freitas, Gondiaes de Sarafão, Lordelo, Soutelo e Barreiro, e pelo Sul perfeitamente vê-se Agrela que em tempo foi filial desta, e os montes de Gonsinhas, Valcôvo, Vale Grande e Outeiro. Dista da cabeça do seu concelho, que é Guimarães, duas léguas, lado de Fafe, duas léguas, da Póvoa de Lanhoso uma, de Braga sua cabeça de distrito, três léguas. Tudo segundo o nosso modo de contar pois se mudassem tais distâncias Lusitana ou Germanicamente, seria muito mais a distância relatada. Seus montes que são o de Varzielas e Castelões, o do Paço dividido do de Arosa por marcos, o de Tarrio e Espinha: estão pela maior parte cultivados excepto os jugos. Vide *magnum lexicon, latinum* interpretação de C.Q.S. na palavra, ou substantivo *jugum, i*.

Tenho respondido ao primeiro quesito, que assino com o escritor a quem consultei, e os mais por nós firmados e no fim assinados por extenso na forma recomendada na circular predita.

O pároco Antonio Martins da Fonseca
O padre Custodio Joze Martins da Silva e Sá

Segundo Quesito do Clima

Esta freguesia é de um clima temperado e hábil para todo o género de produções; porque na estação da Primavera e Outono a rotação não dá incrementos nocturnos nem minguentes diários que nos possam afirmar os dias e noites maiores de doze horas cada um ou cada uma e como aqui crescem e ali minguem analiticamente pela mesma análise com que crescem e se cimentam na Primavera pelo mesmo método se colhem e aproveitam no Outono sazoados e aperfeiçoados pelo Estio que aqui nos favorece com quinze horas de dia e nove de noite em seu maior auge. Quando este espaço de dias no Estio passa a ser o das noites, no Inverno, e o das noites do Estio, o dos dias no Inverno, isto é, quando a rotação no círculo anual apresenta no nosso oblíquo montanhas, que nos separam mais da estimável presença do monarca das luzes, o nosso planeta Terra é mais frio e ventoso, com chuva, neve, geada, etc. Estes objectos que parecem inimigos de todas as vidas são muito úteis para adelgaçar as terras, limpar as árvores da ferrugem e morrão como se tem observado nas oliveiras e nas figueiras: ainda que sejam sempre contrários aos limoeiros e laranjeiras. Quando o Trópico de Capricórnio, ou o Círculo do Solstício se mostrar para connosco como benigno, deixando de nos mimosear com bem chuva, desde os Santos até o Natal, com um Janeiro geoso e Fevereiro saraivoso, temos de perigar o vinho, e alguma escassez nos mais frutos; porque o de Cancro, ou alto Solstício, ou é quente e seco ou seco e frio; se é quente e seco e não houverem águas em Abril e Março e por isso não só os faz secar no Estio, sem não lhes puder valer; mas sendo seco, e frio, ainda quase lhe chegue água, parece que sendo bem fareja pelo Estio, é prejudicial pelo ar, razão porque nem se sazonam os frutos, nem se aperfeiçoam, e quando alguns vingam são de fraca colheita, porque (se) as chuvas daquela Primavera vêm adiante no Outono não só tolher a colheita, mas também fazer um Inverno muito dilatado e comprido. Não nos lembramos aqui de grandes pedras só sim da que caiu em 26 de Julho de 1821, às 3 da tarde, que sendo as maiores

como ovos de galinha e as menores como castanhas e landres, quebravam telhados e destruíram muito os frutos pendentes. A trovoada formou-se como ao Sul carregando a Poente Inverno e suas ruínas principais foram em S. Torquato, Gonça, Gondomar, Garfe, Taíde, até Santa Maria de Rendufinho para cá do Cavado, e para lá do Ave. Às duas de cinco de Junho de 1834 e subsequente no dia *corpus christi* no mesmo mês e ano, foram dignas de memória pela sua rapidez e inaudita abundância de águas. A do primeiro dia fez seu pé ao Nascente Estivo sobre a Serra da Espinha e sendo o primeiro estampido seco, ao segundo, como de resposta mais forte, e fundo foi tanta a água, que em menos de um quarto de hora só se ouviam alaridos, casas alagadas, roturas de cheia, e desdourados rios sendo necessário absorver muito sobre edifícios meio arruinados, soltar os gados e bestas dos eidos e currais para que não afogassem. Com tudo isto não houve perdas de vidas porque seriam quatro horas da tarde e o maior paroxismo não se dilatou mais que 25 a 30 minutos e outro tanto de decadência. Compreendeu só esta freguesia e Arosa como espécie de nuvem rebentada. A subsequente, do dia *Corpus Christi* do mesmo ano, principiou mais cedo, que foi às nove da manhã com o seu pé sobre Vila Cova; ao Sul foi grande e fez sair o rio pequeno fora, lavou os campos de suas margens e durou até ao meio dia e uma hora, reforçou seu pé ao sítio de Pedrouços, Oriente Brumal, e dali correu como ao Norte sendo muito mais forte até às três da tarde. O Ave saiu fora inundou suas margens e causou prejuízos. Com tudo isto delas nasce todo o bem: sazonação dos frutos, adiantamento deles e as chuvas quentes. de forma que se pode dizer o antigo rifão que temos como uma certa tradição de nossos maiores: o ano de trovoadas pode deixar lavradores pobres mas deixa freguesias ricas, porque sendo a abundância genérica o prejuízo (quando sucede) é parcial.

E tenho dito ao segundo quesito assim como do 3º e 4º a que já respondi no primeiro interrogatório.

O pároco Antonio Martins da Fonseca

O padre Custodio Joze Martins da Silva e Sá

5º e 6º Quesitos da povoação em geral, e em particular: Etimologia da sua nomenclatura

O nome geral da freguesia é S. João Baptista Castelões por ser S. João Baptista o seu orago para a diferença de outro Castelões na comarca de Barcelos de que é orago, um dos Santiagos, não sei se o maior se o menor. Chama-se Castelões derivado do substantivo Castelos, aquém *Juri Similitudinem* chamaram às duas serras que lhe ficam sobranceiras: Espinha e Bastelas; e estas deram nome à freguesia por serem à moda de Castelos, e duma para a outra poder jogar artilharia.

Sua localidade é a seguinte:

1º O Assento ou lugar de Castelões propriamente dito e etimologiado na forma antecedente supra relatada.

2º O lugar da Andorinha à margem do Ave a quem deram nome as muitas aves deste género que ali costumam voar tocando com as pontas das suas asas na água em ocasiões das mudanças do tempo. O consultado, porém, é de diferente opinião, e diz que havendo neste dito lugar, como há, ridícula passagem por onde se transita o Ave para Travassós do concelho da Póvoa de Lanhoso, em razão desta ser intransitável no tempo do Inverno em ocasiões de cheias, perguntavam os viajantes: passa-se respondiam “só se fossem andorinhas” por isso denominaram aquela ponte “d’ Andorinha”, e esta deu nome ao lugar por ironia feita à dita ponte.

3º Varzielas trás a sua etimologia da palavra Vaze ou Sorte de Gonçalo Fidalgo que era senhor de todo o lugar há tempo de um século ou mais; e ainda hoje no extinto tomo do Reguengo se chama a Pessoaria de Gonçalo Fidalgo. Como porém passa-se de um a muitos em pequenas várzeas de terra, o todo do lugar usaram do diminutivo Varzielas que corromperam com o andar dos tempos e hoje lhe chamam Varzielas.

4º É Veledo na margem do Ave ao Norte da freguesia trás a sua origem do substantivo vale com adição do verbo latino lædo quer dizer vale que ofende subindo ou descendo por ser agreste do Norte para o Sul, Nascente e Poente para onde unicamente pode ter entradas ou saídas, está-lhe muito próprio o nome de Veledo.

5º Avilheira à margem do mesmo Ave como fica indicado no quesito nº 1. Trás a sua origem das muitas ovelhas que ali se levavam a pastar no tempo da cantarinha da Torga e flor da giesta e como o Ave se transita aí (não sem grande perigo) por cima de uns penedos por baixo dos quais passa o rio com precipitada corrente e por canais estreitos fundos e caudalosos por isso, como a passagem era só muita boa para as ovelhas que ali costumam pastar e não para gente humana ou animais terrestres, tenho para mim com o consultado que ironicamente deram a esta passagem o nome da Ponte da Avilheira e esta deu o seu nome ao Lugar da Avilheira.

6º Vilar trás a sua origem da palavra vila de quem o derivaram atenta a bela posição do mesmo assim como ao lugar da Boavista e não lhes dou mais definição por serem ideias simples que temo obscurecer com o muito definir.

7º Manhufe é consistente numa só casa e deram a esta e seu circuito (há muito poucos anos) o nome de lugar de Manhufe derivado ao adjectivo manhoso e do substantivo manha por ser dotados desta os que de novo ali formaram casas naquele sítio, cujo sítio antes de ser cultivado se chamasse o Outeiro do Punho em razão da semelhança que tinha com uma mão aberta olhado pelo Poente e com a mão fechada olhado pelo Nascente.

8º O lugar do Paço talvez traga a sua origem de ser a residência dos principais da freguesia e por haverem nele melhores edifícios e tem por mais remotos ou no princípio quando os outros lugares se fundaram.

9º O da Figueira trás a sua origem do apelido do Dono da Casa mais principal que há nele e também porque ali há muitas árvores assim chamadas.

10º O Pombal chama-se assim pela sua elevação e pelos antigos habitantes do mesmo terem ali pombas domésticas e também porque em torno dele há muitas oliveiras e sobreiros onde os pombos bravos ou trocarios costumam vir às bolotas e azeitonas.

11º O lugar da Mó tem uma só casa e chama-se assim por ser redondo bem como as mós dos moinhos.

12º Oximel não tem casas, tem em si uma fonte pública e um logradouro e à sua água, por ser muito boa e leve, deram o título Oximel e esta o deu aquele lugar.

13º Túrio é um vocábulo corrupto a que antigamente como se colige de títulos antigos chamavam Tarrio também já corrupto pois o próprio deveria ser Trás-do-Rio por ser esta a sua posição ao Nascente atrás do que vem de Vila Cova.

14º Espinhas chama-se assim pelo espinhaço da serra que lhe fica sobranceira que tendo este nome também o deu ao lugar.

15º Cavo tem este nome porque principiando o giro da freguesia pelo modo indicado, este é o último confrontante com Castelões pelo Nascente onde principiei.

Interrogatório sobre a Zoografia, Minerografia e Petrografia e 1º da Zoografia

Há nesta freguesia quadrúpedes domésticos que são cães, gatos, ratos e doninhas, bois, vacas, mulas, éguas, cavalos, jumentos e jumentas. Há na mesma os silvestres que são coelhos (também os há domésticos), lebres, ratos, toupeiras, raposas, tourões, texugos, massaruco e furão. O rato e doninha silvestre e gato silvestre não tem diferença dos domésticos. Assim como a cadela doméstica ou gata costumam ter coito com gato bravo e raposa ou às avessas. O filho do tourão e fuinha ou às avessas chama-se fução e o filho da coelha fêmea e lebre macho ou às avessas chama-se massaruco. Assim os filhos do jumento e égua ou jumenta e cavalo chamam-se machos e mulas. Tem mais porcos e porcas, e teve ovelhas, carneiros e cabras, que hoje não tem por serem animais daninhos, assim como o são

todos os silvestres e ainda domésticos. As searas, ovos, galinhas, árvores, frutos semeados, etc.

Da Fitografia

Tem árvores de fruto cultivadas e são: oliveiras, figueiras, castanheiros, vides, nogueiras, cerejeiras, laranjeiras, pereiras, macieiras, limoeiros, pessegueiros, damasqueiros, ameixoeiros, choupos e salgueiros para terem mão nas videiras.

Silvestres: são escalheiros, giestas, sargaços, carvalhos dos cerquinhos e alvarinhos, sobreiros, pinheiros, urzes, tojeiros do arnal e do molar, fetos do monte e fetos machos vulgo fentelhas; e os parasitas que a elas se agarram para se sustentarem que são hera, norça, corriola, musgo branco quando a árvore teve incisão no tronco ou raízes, musgo que figura fino quando os ramos secam ou entresecam, e musgo preto ou verde escuro ou amarelado com bastante terra quando a árvore enferma por velha e viçosa. Se tem putrefacção interna, na parte em que a manifesta e sobre o mesmo musgo grosso, nasce o polipódio medicinal mais recomendado do que a parietária por ser esta mais venenosa.

Quando as árvores sofrem contusão ou incisão se forem novas, e esta for no tronco, costumam algumas vezes sarar e lançam pelas fendas de fissura, resina, como as serdeiras, ameixieiras, macieiras, etc.

Quando velhas ou se amputem nos troncos ou nos ramos principais ou mostrem putrefacção, ganham certos parasitas ou filhos delas mesmas a que chamam sanchas, ou corcomelas. Também nos sítios inaquosos lavrados ora um ano ora outro e devolutos, e matos em que cair alguma putrefacção de folhas estrume de bois ou do bagaço de uvas, e ainda nos aquosos onde cair farelo de pães, ou cabaços miúdos, no tempo da Primavera, logo que no Outono forem regados semelhantes putrefacções, nascem uns vegetais a que chamam miscaros e tortulhos que os povos comem, assados, ou guisados, mas só fazem uso dos benignos, porque outros de quase

semelhante aspecto, tem tradição de seus maiores para os repudiar por malignos e venenosos.

Nomes	Das flores e das ervas = 1º das dos Quintais e Jardins		Sua flor e fruto útil ou virtudes	Hortaliça do uso quotidiano
	Virtudes ou útil	Nomes		
Alecrim e Almeirão	Árvores com flor e medicinal em rama	Favas de flor branca e ervilhas de flor roxa, e outras de cheiro e malvas de cheiro	Servem para comer em vagens e os grãos só são odoríferos	Cebolas, celgas, borragens, labrestos, couves, nabijas, poejes, serpão, tronchuda, ervilha, fava, cabaca, calondro, brócolos, agriões, alface, zaragatoa, etc.
Chicória, lorna, bordana, norça, morangos	Medicinais na casca, rama e raízes só a Bordana	Cravos brancos, verdes, roxos, amarelos, escarlates e rajados, dobrados e singelos	Odoríferos	
Funcho, fumaria, fel da terra, macela, aipo	Medicinais em rama e planta e macela em flor	Feijões rajados, vermelhos, brancos redondos, compridos e amarelos redondos, e compridos com flores vermelhas, brancas e amarelas atrepados por linha destacada	Para tomar em vagens e os grãos em caldo ou afogados	
Salsa, hortense, hortelã comum, e mouriscas e ortemija, malvas	Medicinais em rama e algumas totalmente arrancadas	Gigantes vermelhos	Bom aspecto	
Terrestre, avenca, barónica, e o polipódio e tarraxaio	Medicinal toda a planta com rama e arrancadas			

Cevadas e mostarda	Medicinal o seu grão	brancos e amarelos, suspiros e amores perfeitos, alecrim do Norte, ranúnculos, açucenas, margaridas, etc.	de formosura e odoríferas em pouca quantidade	
Da laranjeira, árvore da violeta, erva	Medicinais – as flores	As flores e papoilas rúbeas	Medicinais	
Cidreira, salva e marroios brancos	Medicinais – a rama	As brancas e vermelhas e singelas	Aspecto e odoríferas	

Das silvestres menos mimosas		
Nomes	Utilidade	Sim ou não medicinais
Anozelha, castelhana, trevo, língua de vaca e molar	Servem para o pasto dos animais	Nada
A parietária, abelouro, hera, parasita, e quinquifolium, e laverca aguda e redonda e [ilegível]	Servem para o uso animais e racionais	São medicinais para banhos e [ilegível]
Os cardos de flor azul clara, vulgo olho de gato, suagens, morgaça de flor branca, lírios, roxos, bravos e mansos e etc. Montrastos, ortigas coentros	Só os comem os porcos e os lírios nem estes, alguns comem serpão e ortigas e montrastos	Ignoro só sem os montrastos e ortigas bravas
O timbo e trovisco e erva da tributa que lança contas	Matam os peixes	Ignoro; antes têm-se por venenosos bem como a sicuta e adeleira rubra
As ameixas de Coimbra ou conserva e cerejas pretas e marmelos	Servem para comer	São medicinais

Milhão, centeio, trigo, milho alvo e painço. Linho e couves galegas, nabos e tronchudas	É de que se sustentam no estado sanitário	Trigo, tronchuda e mistura no valetudinário	
Adição zoográfica			
Nomes de aves e peixes aquários, terrestres, voláteis anfíbios	Domésticos ou silvestres e observações	Vermes: domésticos ou terrestres	Répteis de água
Truta, escalo, boga, enguia	Servem para sustento sanitário	Minhocas, moscas, remisgas e casulos da água	De uns a outros
São anfíbios; osgas, a lontra, cobra de água, e rã e sapo concho	Anfíbios – alguns dizem que se comem, tenho para mais certo que não	Morcões, bichos da seda, borboletas, aranhas, mosquitos e michões	Répteis dos peixes são anfíbios e répteis, vermes e peixes
Pica-peixe e melriacho papalgo, rola do rio, pato, parreco, ganso e toninha	Comem-se no estado sanitário valetudinário	Cobra, sardão, sapo, salamandra, doninha, víbora	Répteis anfíbios dos peixes e de uns a outros
Pato, pega, melro, pardal, pimpalhão, codorniz, perdiz, gaio, pica-porco, poupa, cuco, rouxinol, sombria, verdelhão, chasco, pisco, rola do mato e galinhola, mocho, e os nocturnos e noitibó, coruja, e morcego, e caçasso e cotovias, as duas qualidades de tordos e o pimpalhão da Índia	Comem-se e domesticam-se ↓ Menos o morcego que sendo volátil não tem penas nem se come	Abelhas, vespas, besouros, saltões, grilos, formigas, cigarras, borboletas, lagartos, morcões do monte ou podões, moscardos das bestas e do centeio, luzeiros nocturnos, vulgo luzicus, bicha-	São voláteis e terrestres répteis das searas, frutas e de uns e de outros ↓ Tanto aves como insectos e dos peixes depois de mortos e estes deles

		cadela, centopeia, licranço e cabeçalho	
A carriça, andorinha, pedreiro, abaqueira branca de todo o ano	Não se comem por pequenas e terem delas certo nojo	A vaca-loira, escaravelho terrestre voláteis	São répteis dos vermes e moscas e excremento dos animais e humano
A galinha, frangos, patos, pombos, canários, pintassilgos, rouxinóis, cochichos transmontanos, corvo e açor	São os mais domésticos que quase todos tem ↓ Excepto o corvo e açor posto que este último é criado neste país	As cabras cegas e salamandras da água são menos venenosas que as do monte e assim todos os vermes e sanguessugas	São répteis dos vermes searas, grãos etc.

Esclarecimento às tabelas retro e das antigualhas ou simpatias feita do modo retro a numeração, os animais quadrúpedes, aves, peixes, vermes, e répteis, inseri uma casa em que disse que eles o eram de uns a outros por certas leis de antipatia ou simpatia que nós ignoramos além de muitos que senti usam para subsistência como Vossa Graça. A truta come os escalos, lesmas, minhocas, casulos, moscas, borboletas, mas enguia e lontra só comem peixes e os melriachos e pica-peixes, só comem os peixes muito pequeninos. A cobra come um coelho inteiro, um asqueroso sapo, a rã, o melro, o pinto da galinha, etc., mas porque razão é morta por um chasco às picadas, (sendo este muito mais pequeno? Quem o ensinou a picá-la só na cabeça por mais que ela se enrosque?) Qual é a razão porque

uma aranha mata um sapo com a picada que lhe dá na cabeça? Quem ensinou o miserável ferido ir-se espulinhar nos coentros, ou monstros para escapar? Porque motivo uma doninha, se vai meter na boca de um sapo sendo ela o inimigo declarado dos ratos. Porque razão procura um porco deleitar-se com comer uma víbora, e depois ir a correr beber água? Quem viu a paz feita entre os pica-porcos e melros e gaios? Quem disse que os petos não eram amigos das nozes e formigas? Onde estão os pardais e pimpalhões e verdelhões que fizessem aos lavradores termo de não irem aos seus milhos? Mas se fazem isto para interesse, que amizade será a das vaqueiras aos seus bois e bestas, para lhes andar sempre guardando no meio dos campos?! O corvo, animal imundo, costuma aparecer aqui nas ocasiões de grandes frios e vento Norte. O açor vive e nasce nesta terra: é um dos répteis (sic). Não tem pais conhecidos, umas vezes é criado pelo chasco, outras pelo pisco, outras pelo pica-porco. O que se sabe, é que a cuca fêmea vai aos ninhos destes, e comendo-lhe os seus ovos põe um dos dela, e saído que seja o tal exposto, principia a ser tratado pelos educadores: mas quando já grande grita muito com fome porque animalejos tão pequenos, mal podem sustentar um tão grande: por isso vendo-se oprimido dela, um dia come os educadores, e pelo gosto que lhe acha passa a ser réptil de quantos pode pilhar, e ainda dos pintos das galinhas e frangos.

Da Minerografia

Não tem esta freguesia minas metálicas mas sim muita abundância de pedra de galho e entre fina de que usam para fazer os edifícios, socacos, paredes, eiras, canastros, lagares, lojas, moinhos, etc., tudo com utilidades e fins que é desnecessário pô-los aqui, pois ninguém os ignora, e quem quiser maiores esclarecimentos, veja a flora, e outros que destes objectos tem tratado, e acharam melhores esclarecimentos do que podemos ao sétimo quesito de que mais nada sabemos e assinamos

O pároco Antonio Martins da Fonseca

O padre Custodio Joze Martins da Silva e Sá

8º Quesito

Divisão dos foros até 1834 e suas mudanças posteriores.

Impostos da coroa, eclesiásticos e municipais.

Até o ano de 1834 tinha esta freguesia um juiz de subsino e quadro, que prestavam obediência ao juiz de fora de Guimarães ou vereador mais velho que sempre eram os Presidentes da Câmara e juizes pela Ordem. Tinha mais um cabo de ordenanças sujeito ao capitão e este ao capitão-mor, e tinha o pároco sujeito ao prelado bracarense; dava soldados para a primeira linha e para milícias; cada qual vivia sujeito ao seu foro = militar = civil = e eclesiástico = pagavam-se dízimos e primícias e décima.

Actualmente desde 1834

Não se pagavam dízimos mas pagam-se primícias e décimas dobradas sextas partes. Contribuições no vinho, impostos nos panos, carnes, cal, sairro, carvão, telha, repolhos, melancias, melões, carros, e fintas directas. Tem tido a freguesia juiz de Paz, juiz eleito, junta da paróquia, regedor e seu cabos, e escrivães, uns efectivos, outros substitutos e jurados, uns de sentença outros de prenúncia de forma que muitas vezes eram mais os superiores ou autoridades do que os substitutos.

Nós agora temos, além dos de Braga, mais um arcipreste, a meado concelho, e além da sujeição ao eclesiástico, governa em todos nós o fiel farrapo, convém saber, juiz eleito, e seu escrivão, e pregoeiro, o regedor e seus cabos, os membros da junta, que têm dois, outro que é o presidente governa mais o juiz de Direito, e seus escrivães, e oficiais, o dos órfãos, Nossa Senhora e seus escrivães e amanuenses, e mais os vereadores efectivos e substitutos, e o ilustríssimo e excelentíssimo governador civil e todos os mais até à Rainha, câmaras de pares e deputados. Finalmente não falta quem governe e os eclesiásticos são inábeis por lei para serem votados para quase todos estes cargos.

As mudanças têm sido quando e porquê não sei: ainda que *a priori* posso responder que têm sido desde 1834 para cá: quando uns querem ir para os lugares, e os outros os não deixam, e porque enfim todos querem governar, afim de ver-se a título de governanças se sustentam e enriquecem com os suores da Nação bem como os parasitas (ou hera de que há pouco falamos nas árvores). Não há impostos da coroa, tem municipais, os ditos, e foros, e de eclesiásticos, pagam-se aqui a cõgrua ao pároco e ao cabido de Guimarães, uma função de um prazo e outros ao abade de Santa Maria de Vila Nova de Sande e uns censos, e nada mais do 8º quesito.

O pároco Antonio Martins da Fonseca
O padre Custodio Joze Martins da Silva e Sá

Ao 9º Quesito

Não tenho que responder mas sim requisitar: não tenho que responder porque não há edifícios notáveis, nem morgados vinculados que tivessem foro, nem estabelecimentos militares, nem literários, nem câmaras, nem conventos, nem hospitais, nem doutores há sim uma escola particular de primeiras letras em que se instrui os meninos desta freguesia e vizinhas Domingos José Campos. Nesta parte, temos povos em como membro desta freguesia a requisitar o seguinte:

1º Se temos ou não obrigação de instruir a juventude?

2º Se deve ou não pagar-se ao mestre de tal ensino?

3º Se sendo concidadãos vimaranenses a câmara deve ouvir nossos clamores?

4º Se contribuindo como contribuímos com os impostos para subsídio, se ela nos deve ou não criar aqui uma cadeira paga pelo mesmo subsídio?

5º Se é tempo de o fazer, e anuir às nossas súplicas? Nada mais ao 9º Quesito

O pároco Antonio Martins da Fonseca
O padre Custodio Joze Martins da Silva e Sá

10º e 11º

Undécimo quesito das pontes, rios, vias e etc., e décimo das pontes, estradas e bosques etc.

Esta freguesia tem duas principais vias, ou estradas por onde seus habitantes e os dos vizinhos e concelhos diferentes se dirigem a Guimarães ambas tem apelido de estradas públicas e reais sem que a câmara para a sua construção e reparo nunca concorresse desde que o mundo é mundo; e elas se abriram sempre têm sido feitas à custa dos particulares. Ambas se reúnem ao cruzeiro desta freguesia e daí a Sobradelo são uma só estrada caminhando ao Norte até Varzielas e daí para Sobradelo ao Nascente Inverno. Ao cruzeiro, porém que como fica dito se reúnem a uma só caminhando para cima também aqui neste centro de reunião tomam duas direcções caminhando para baixo uma caminhando sobre a esquerda ao Sul uma sobre Tarrio do Nascente Estivo ao Poente Inverno chama-se a estrada da Senhora do Monte. Outra, caminhando sobre a direita, ao Norte, sobre o lugar do Vilar do Nascente Inverno ao Ocidente Estivo, chama-se a estrada da Ribeira de Novais. Ainda que ambas sejam bem frequentadas contudo a da Ribeira é muito mais. Quer se caminhe por uma, quer por outra é forçoso transitar o rio quem vem de Vila Cova de quem já falei no quesito nº 1 que disse dividia a freguesia do Ocidente para o Sul.

A primeira estrada que vem pelo Sul tem para transitar o rio a Ponte de Tarrio a quem os moradores do lugar seus fundadores deram o nome do mesmo e a estrada que vem pelo Norte tem para transitar o rio a Ponte das Lamadarias que é uma Veiga assim chamada porque os donos destas terras foram os seus fundadores com o fim de se servirem para a dita Veiga deram-lhe por isso o nome da mesma.

Ambas as pontes são de pedra feitas com todo o primor de arte, altas, de forma que nunca lembra o rio as cobrisse, a primeira é de um só arco, a segunda tem três olhais de dez palmos cada um e é de padieiras e os olhais com bicos a modo de corta mar ou esporão de nau.

Toda a estrada real desde a ponte de Tarrío até Castelões é ladeada de campos e casas dos moradores da Espinha e Tarrío que tem diferentes nomes ou expressos pela natureza ou inventados pelos donos que muitas vezes lhe deram e dão os apelidos com Vossa Graça, a Figueira, e, por ser pequeno, a Figueirinha, a Seara, os Carvalhos, a Barroca, as Lages e por serem pequenas, as Lajinhas.

Caminhando pela estrada da Ponte de Lamadarias fica-lhe sobranceiro o monte das Oliveirinhas que sendo em tempo da casa de Sá do lugar do Paço não lho deixaram tapar porque era domínio que se estendia a detrimento da Sociedade, e não tendo as coisas dono por direito da natureza – princípio *res nullius* – a comunidade do lugar se apoderou extinto o direito de retenção as Oliveiras foram dadas à confraria do Sacramento mas tem sido tratadas *pro dere licto*. No princípio deste monte, a Sul, está a mina e poços das Figueirinhas e a Poça da Figueira, esta tomou o nome de quem a fez ou mais claro tomou o apelido de seu dono; e aqueles o das terras que regam. Todos os moradores deste lugar e do Paço entre as duas estradas têm fontes, tanques e águas para particulares tanto para beber como para limar e afrutar suas terras, hortas, quintais e jardins de forma que ninguém experimenta melhores nem tanta quantidade.

Adiante está o monte de Guarda Sant (sic) como logradouro dos moradores de Paço dividido e partido entre si, foreiro ao senado de Guimarães, chama-se Guarda Sant (sic) porque nele está a pedra lisa (entre fina) de que diz menção ao nº 1 que o divide dos arosanos e com a igreja de Arosa Santa Marinha fica imediata ao Poente, e ao Norte, o templo da Senhora do Porto de Ave, ao Poente Inverno a capela de Santo António do Barreiro, e do Sul era a capela de S. Francisco de Tarrío por isso deram os pastores àquele sítio o nome de Guarda Sant (sic) porque deixando ali os gados só diriam que os deixaram entregues aos Santos o que se deduz desta pergunta a resposta: Onde deixaste o gado? Em Goardi Sant (sic) *Id est* em guarda dos Santos e porque o terreno era aquele, assim lhe ficou o nome.

Estão mais acima os marcos da Cumieira que dividiam antigamente a dizimaria assim como outros dentro da Tapada de Antonio Manuel Vaz de Arosa, outros a Poente de Lamadarias, outras à Godarilha e uma cruz num penedo ao Ribeiro de Fradelos. Hoje servem os ditos da Cumieira para dividir o monte dos arosanos chamam-se da Cumieira por estarem postos no cume ou mais alto do monte. Caminhando ao Nascente sobre o Norte tem o monte das minas Penedo Redondo e Devesa Escura todos os nomes deduzidos da própria natureza dos objectos que em si tem e caminhando ao Nascente sobre o Norte, à esquerda, tem as poças de Isabel Nogueira e Veledo e poça do Sapo a que deram nomes à autora que fez. O vale em que estão sitas, definido no lugar nº 4 quesitos 5º e 6º o último foi-lhe dado ironicamente pela sua pequenez e ascorosidade imunda.

As duas fontes preditas são em verdade boas águas não só para particulares possuidores de Veledo mas ainda para o público chegar seus gados a beber.

Todo este monte está dividido e partido aos moradores do Paço e pagam foro ao senado e a maior parte está cultivado excepto os jugos. *Vide in M. Lex. Lat. Verbum jugum* interpretação de Pop.

Existente dos sobreditos marcos a um tiro de canhão está o Penedo Redondo e Devesa Escura assim chamados, aquele pelo seu aspecto de redondo e aquela pela espessura das Carvalhas até ao sítio da Abelheira nomeado na descrição geográfica quesito nº 1 e definido nos nºs 5 e 6, em nº 5 dos lugares; todo este monte está dividido e é de particulares do Paço e Vilar. Decorrendo para cima até Andorinha que é margem do Ave por baixo de Veledo que se acha definido à nº 4 dos lugares e quesitos supra está a margem de Veleda chamada do nome do lugar com sua competente foz ou levada em linha curva () terá de comprido no recto e curvo quarenta passos em recto, fará de altura onde mais o é 12 palmos e no curvo onde mais o é de funda até 16 ditos. Está feita com todo o primor de arte; é de um particular e utilize muito ao público porque ali correm a moer quase todos os habitantes da freguesia e vizinhas. À distância de um tiro de peça fica a Foz de Ralde de 35 a 40 palmos de comprido e outra tanta

profundidade. Está feita com todo o primor de arte e no meio dela tem dois vocais ou olheiros por onde se abria (até o ano de 1824) sempre no dia 16 de Agosto e assim se conservava até às Nascentes do Outono ou águas novas, deste deram a esta foz o nome Ralde por serem os cortes do monte aqui muito rudes e agrestes.

O consulado porém é de opinião que talvez o nome esteja corrupto e ela se chama a Foz do Rol porque a câmara que todos os anos a vinha abrir mandava avisar todos os moradores da corda de S. João da Ponte até Sobradelo da jorna para no indicado dia sob pena de serem condenados ali aparecerem armados de enxadas, alavancas de ferro e etc., para abrirem a dita foz visto que a seu requerimento a mesma câmara tinha mostrado contra a da Póvoa e moradores de Porto de Ave e Taíde daquele concelho que a utilidade pública era maior a favor do povo de Guimarães do que dos da Póvoa.

Ora como para isto se faziam redações ou róis para onde o povo era chamado, talvez se lhe chamassem por isso, “Foz do Rol”, ou também como entre os povos e câmaras indicadas houve lide e contenda bem pode o nome ser deduzido do adjectivo – Ranhida ou Contendida; não sei, Vossa Senhoria escolherá a que quiser. Por cima desta foz está para Sul um Outeiro de mato dividido aos moradores de Varzielas e Castelões até à estrada real indicada a nº 10 retro. Por cima da estrada está a Serra de Bastelas que deduzirão dos dois adjectivos – Vasta-e-ilas – que concordam e se referem com as suas terras de Varzielas definido a nº 3 querendo expressar que aquelas incultas eram maiores que as cultas de Varzielas. Este terreno também está dividido e era de natureza reguengueiro. Em direcção desta está Vale de Piscos assim chamado ou porque ali costumam haver muitas destas aves, ou porque sendo produtores de torga cor de burel que na Primavera lança cantarinha vermelha. Vem a ser o dito vale da cor desta ave que também tem as asas cor de saragoça e é no pescoço vermelho. É este vale de particularidades e a ele segue Santa Iria cultivada na maior parte com seus penedos e reduto inculto e se figura de Castelo dizem que nestes penedos se esconderam cristãos na ocasião em que os mouros ingrediram, e dominaram em Portugal e

que a piedade dos fiéis levara para ali e escondera uma imagem desta Santa que a posteridade encontrou no dito sítio e trouxe para a igreja matriz ficando à serra (hoje cultivada na maioria) o nome da Santa ali achada. Na mesma posição, à distância de um tiro de bala de canhão, está a Serra da Espinha pelo seu jugo improdutivo de sedas vegetativas e animal e só composta da mineral consistente em seixos brancos e avermelhados que formando pelo jugo acima uma espécie de caminho recto divisa-se de muito longe. De seu cume ou reduto se descobrem longas distâncias para as partes de Braga, Pilar e raia de Galiza para Guimarães e Porto, etc. Quanto ao jugo, é áspero e descarnado tanto o reduto é formoso cercado de oliveiras, videiras e árvores de fruto tanto do Norte como do Sul como do Nascente excepto o descarnado ao Poente. Os olivais das Perelenhas ali constituídos (são da freguesia de Sobradelo) tem mais de quatro mil oliveiras. Destas serras nascem as principais águas que regam e fazem boa a freguesia; destas, a primeira é de Aldemil quer dizer, que sendo em tempo de um só particular, agora é de muitos consortes ou quinhoeiros. A segunda é do Ribeiro e fonte pública de Castelões situado no lugar da Cova definido a nº 15. A terceira é [ilegível] e [ilegível] pelo nexa que tem o monte com o pequeno chão onde está a poça ou presa. A 4ª é a da Lesmia e Cortinhas pelas terras que banham e pelos vermes que ali costumam nascer. A extensão do terreno dito cultivado é maior que o inculto mas tem suficientes matos e lenhas ainda que a extracção que delas tem feito os alambiques e terras recentemente cultivadas fazem que o carro de [ilegível] dê 400 réis.

O Ave é caudaloso e tem muito fracas passagens para o concelho da Póvoa tanto na predita Abelheira como em Andorinha como aos seis moinhos vulgo – Pontilhões de Paiva – como em outras diferentes partes, todos os anos sucedem desgraças com mulheres, homens e meninos nas ocasiões de cheias.

Os povos desta margem têm sido muito solicitados para a passarem a reunir-se para a Póvoa, mas além das independências em que querem correntes do rio e antigo uso de Abril, e for de Ralde, e

inimizades com os habitantes prejudicadores de suas regalias e costumes, nunca podem vir a ser súbditos da Póvoa em razão do rio interjecto, caudaloso e muitas vezes intransitável.

No lugar de Varzielas à margem do mesmo rio confrontando, pelo Norte, com terra de Jerónimo José de Carvalho Gomes, pelo Nascente e Sul com as de Custódio José Fernandes estão umas águas minerais de grandes virtudes há muito tempo aprovadas para curar moléstias cutâneas e úlceras tanto antigas como modernas; os curativos feitos a Domingos da Cunha de Agrela, a Domingos Fernandes de Castelões, ao vigário José da Silva da Fonseca desta freguesia, ao Reverendíssimo João Fernandes [*ilegível*] de Sobradelo e outros que ali têm concorrido de toda a província e fora dela e têm achado remédio contra seu mal, são os pregoeiros de suas virtudes. A cor delas é cristalina e pura, deitada em copos, olhada no poço ou fonte tem farfalhos e corpos de que... (sic). O cheiro é como de ovos chocos, o grão é frio, a quantidade é suficiente para encher poço ou poços em se tomem banhos, dizem que bebida desgasta e é preciso passeá-la porque apenas se bebe se conhece grande peso no estômago.

Conta-se e há suspeita que na mesma direcção está outra nascente de águas quentes mas que tem sua cadência no rio e só são vistas quando se abre a Foz de Ralde.

Causa que diminuem o seu progresso são a Câmara e donos das terras onde estes tesouros estão como suspeitados por aquela para que Vizela e Taipas não sejam menos frequentadas e os ilustríssimos camaristas possam ali continuar suas moradas e edifícios como obras do concelho (item José Leite Duarte nas Taipas e etc.) e estes para que não cedam dos terrenos que possuem a favor do público interesse e comum beneficência.

O Ave e rio pequeno tem feito seus estragos nas ocasiões de trovoadas que costumam ser mais frequentes nos meses de Maio e princípios de Junho; quando do atrasamento da lua de Abril este fica sendo em Maio, e em Abril se celebra a festa da Páscoa com lua cheia de Março segundo o computo do ano eclesiástico e civil francês; de Janeiro a Janeiro ou de lua de Março a lua de Março, ou de véspera a

véspera ou de 24 horas ao dia natural de meia noite a meia noite ou de meio dia a meio dia. O dia solar segue outro giro e tem outra contagem para diferentes fins. Também se costumam desenvolver com mais frequência quando a rotação nos faz as noites (no imo solestício) correspondentes aos dias do alto solestício nos ditos Maio e Junho. Por observação e experiência sei que, ou sejam altas ou baixas as trovoadas que se não formam senão sobre o sítio das Fragas, fraldas de Merouço e entre Vila Cova e Freitas, então são abundantes de água às portas da freguesia que ficam ao Sul e Nascente e inundam (quando excessivas) as margens do rio pequeno. Formando-se, porém, ao Norte ou Nascente Inverno, nunca fazem estragos e quando inundam o Ave o prejuízo para esta freguesia é sempre pequeno. Quando são ao Poente nunca dão água senão temperada e raras vezes.

Os raios e faíscas sempre são atraídos pelas Serras de Leiadela e Soutelo do concelho da Póvoa (hoje Vieira) por certas atracções pois não lembra caírem aqui.

Nada mais no que toca ao décimo e undécimo quesito.

O pároco Antonio Martins da Fonseca
O padre Custodio Joze Martins da Silva e Sá

Quesito duodécimo

Os dois sistemas de agricultura de Touíl e Duhamel são aqui os meios adoptados sem instruções de Academia Real porque estes lavradores aprenderam de seus maiores e vão entregando à posteridade um certo critério, discernimento, e método com que conhecem a vegetação das plantas e diferentes naturezas das terras.

Com os socalcos e águas que têm de suficiente e lhes sabem muito bem engordar as fracas, e emendar as argilosas e salgadas, e com os diferentes adubos temperar sua natureza e melhor grão para frutar, as mesmas. As armas que usam são comumente: enxadas, sacholas, alviões, foices, podões, foicinhas, roçadouros, machados, machadinhas, grades, arados, sertórios, carros, alavancas de ferro,

trancas de pau, picos, camartelos, cestos, dornas, pipos, lagares, e outros que mais são vasilhas do que instrumentos da agricultura.

O estrume melhor para hortaliças e terras frias é o natural de pombas, galinhas e humano ou de gado ovilhum ou cabrum e o artificial de raspa das pontas de bois.

Dos artificiais de matos e filhas o melhor é o do mato molar ou da folha de castanheiro utilíssimo para centeios, trigos, batatas, etc. O da folha de carvalho e mato arnal, é preciso que este não tenha mais de dois anos de idade e aquela esteja putrefacta de chuvas, aliás lançada em cortes perseverará sempre seca até se reduzir a pó. O da torga, levando fetos misturados folhas ou feno e caroços de milho, remedeia, sendo só é mais ruim. Todo estrume deve ser calcado e acalorado por bois e bestas e sendo por porcos deve-se acautelar não caia nele o relão ou cascadas, landres de carvalho por que este preservava inteiro muitos anos. Cria uns a chama ali outros vermes, e insectos que encaixam as terras; e [ilegível] as sementeiras. Os animais empregados e sócios indispensáveis do lavrador sem haver dinheiro que lhes pague são bois, bestas, porcos e cães.

Toda a geognosia encontra-se muitas vezes num só prado conforme a tabela seguinte (com adubos nesta província).

Nesta província do Minho é precisa a fábrica e adubos senão nada produzem porque em quatro anos apassem do cultivo das a silvestres	Nomes	Suficientes para que	Bom para que	Ótimo para que	Estéril totalment e
	Negris terra	Milho, centeio e vinho			
	Branco greda terra		Para vinho e oliveiras		
	Dourado terra			Para tudo	
	Greda, barrenta amarela	Para carvalhos e arbustos e aterradas as covas			

Pedroso desunido misturado com terra gredada de diferentes veias	Para tudo sendo seco e desafojado	Bom, tendo água de frutar	Tendo água de limar e frutar	Sendo seco e tendo arbustos ou rebentos
Pedroso unido ou areento grosso	Sem adubos nada, sem adubos nada			Estéril totalment e

E não tenho mais que dizer ao duodécimo.

O pároco Antonio Martins da Fonseca
O padre Custodio Joze Martins da Silva e Sá

Quesito 13º

Em adição ao duodécimo, declaro que esta freguesia tem:

Proprietários	35
Caseiros.....	13
Sacerdotes comigo.....	02
Cirurgiões	02
Boticários	01
Carpinteiros.....	03
Alfaiates.....	01
Ferreiros	01
Tendeiros	01
Almocreves.....	04
Vendeiros.....	01
Carniceiros	01
Estanqueiros.....	01
Jornais de bois e carro a comer e beber	480
A seco	960

Besta e moço	480
Só	300
Alfaiate e jornaleiro ou podador a comer	080
A seco	200
Carpinteiro, pedreiro caiador a comer	120
A seco	240

Nota: Não diferenciam porque todos têm freguesia e tanto lhe pagam no tempo do Inverno como no Verão.

Nesta freguesia não há feira alguma, só temos a da cabeça do concelho e as de Fafe e Póvoa. Era bem se (se) efectuassem uma ao cruzeiro desta freguesia ou no terreiro da capela de Santo Amaro, em Arosa, para que gozassem de alguma regalia estas freguesias nos fins da sua cabeça e em tanta distância. Além disto para se desmentir a inveterada opinião de que a Câmara não quer, para não enfraquecer o comércio da vila. Nada mais ao 12 quesito e 14º.

O pároco Antonio Martins da Fonseca
O padre Custodio Joze Martins da Silva e Sá

Quesito décimo quinto 15º

Não há nesta freguesia monumentos, nem antiguidades, inscrições ou letreiros existentes, nem destruídos. Era comenda da Ordem do Nosso Senhor Jesus Cristo com o distintivo da mesma ordem, seu terreno era demarcado por cruzeiros, tinha o cruzeiro e adro assim assinalado porém o tempo voraz tem consumido algumas em todo, e outras em parte. A junta e regedor actual tem tomado em consideração o seu reparo.

Nada posso dizer de seu princípio, sei da sua reedificação que foi em 1682, que tem duas filiais Agrela e Queimadela e que Arosa era subvenida pelo seu sacrário. Consta do livro dos estatutos da confraria do Santíssimo Sacramento e do livro de contas que ali se ia pedir e havia obrigação de dar no dia da festa de beber e uma fatia de pão aos mordomos das ditas freguesias.

Tem seus usos e costumes de forma seguinte:

Por cada proclamar	240
Por cada certidão.....	120
Por cada busca de livro.....	040

Por cada cabeceira, no dia *obitus*, um alqueire de pão, um cântaro de vinho e dois arrâteis de conduto sendo de carne toucinho e peixe bacalhau.

Por cada missa cantada, duas velas restos das que serviram no altar-mor. Tem mais, falecendo [*ilegível*] cada cabeceira o dia *obitus* como fica dito e dois ofícios um no fim do mês outro no fim do ano e destes tem o pároco uma oferta de [*ilegível*] que é um quarto de pão cozido, meia canada de vinho, dez réis de conduto que são ovos ou sardinhas e uma candeia que é um palmo de cera rolo ou um toco das velas de 8 à libra. Esta mesma tem, por cada responso, nos Domingos do ano que recita de estola e sobrepeliz, antes ou depois da procissão dos defuntos em geral. Tem esta mesma oferta por cada baptizado e por cada recebimento, dois vinténs de trigo.

Pagavam-se na mesma freguesia primícias de pão de milho e centeio, e vinho conforme o uso da mesma tendo, Eira e Biqueira e também foros e sabidos mas quem os recebia era o rendeiro ou por conta da ordem vaga ao estado ou do comendador, havendo-a.

Paga mais a freguesia junta, e dantes ao subsino cada fogo casado, cinquenta réis, cada viúvo vinte e cinco réis e cada solteiro doze réis e meio para cera e clamores antigamente, e duzentos réis de lavagem por cada cadáver ainda anjo ou menor de sete anos. O pároco, no dia *obitus* deste, tem as duas velas de limpeza do altar e a oferta dita dos baptismos.

Tinha, no tempo dos dízimos, o pároco, de cõngrua, cinco mil réis, em dinheiro, sessenta alqueires de trigo, mais dois para hóstias, mais três almudes de vinho, mais dez tostões para a lavagem da roupa e mais seis arrâteis de cera branca fina; tudo além do uso e costume ditos.

Tinha a igreja, para consertar a capela-mor e casas de residência, vinte e cinco mil réis por despacho da mesa da consciência e Ordens e Bula do Sumo Pontífice.

Costumam-se fazer algumas festas como direi no quesito 16; costuma este povo ir a algumas romarias convém a saber à Senhora da Abadia, que dura desde 10 até 16 de Agosto, à Senhora das Neves desde a última 6^a feira até ao Sábado de Agosto, à Senhora do Porto que dura nove dias e com especialidade os de 7 e 8 de Setembro, ao Senhor do Monte no Domingo de Pentecostes e suas 8^{as} e a esta costumam vir clamores principalmente no dia de seu orago S. João Baptista a 24 de Junho e na Segunda-feira *post Dominicum in albis in festo gaudiorum* B. M. V., etc.

Não tem divertimentos favoritos, nem jogos de bola. Nem outro qualquer, seus vícios são beber vinho com muita demasia e egoísmo. Suas virtudes são o desejo singular que cada um tem de aquisição e o temor de Deus que ainda conservam.

Sua riqueza nem é tal que admire, nem tão pouca que não seja mais que suficiente nos proprietários e, enquanto aos mais, quando lhe não seja suficiente para sua despesa ordinária não posso afirmar a Vossa Senhoria que nela não encontra um mendigo.

Finalmente este povo emprega-se na lavoura, serviço que nunca acaba, nele tem seus contínuos; trabalho que entretêm, útil que recreia.

Não tem causas que diminuam a população antes posso afirmar a Vossa Senhoria que de 60 e tantas famílias que tem, apenas de raro encontrará uma casada que não tenha filhos, e destas encontrará de seis até 12 filhos.

Nenhuma freguesia, concelho, cidade ou província encontrará na qual estejam poucos filhos dela porque todos têm muitos, já por razão de casamentos, já por via do comércio, já por via de cortes, armas e letras.

Se dela passarem aos Estados do Brasil quase todos os chefes, poucos se encontrarão ali sem filhos e haverá tal que terá mais de dois ou três.

Tudo isto porque aqui:

1º Não se dão os matrimónios entre desiguais, que sendo proibidos pela lei não deviam ser tolerados por prática.

2º Porque tendo os vizinhos da paróquia meios de subsistência para si, mulheres e filhos, nunca se ouvem fazer aos seus aquelas impressões: que lhes não dê filhos, ou reputar por castigo aquilo que foi prémio de fé de Abraão o maior dos patriarcas.

3º Porque apesar do luxo ser já demasiado nas aldeias, principalmente no vestir, contudo no luxo da mesa ainda não tocou as barreiras que têm tocado o luxo que sustentam as mulheres do povoado: na mesa e vestir.

4º Porque todas as mulheres desta freguesia criam seus filhos a seus próprios peitos e não são como as dos povoados que os engeitam com escândalo da natureza e com prejuízo de terceiros com escândalo da natureza porque nenhuma tigre, cadela, nem leoa fazem o que as mulheres do povoado se atrevem (com aprovação dos maridos) e disse com prejuízo de terceiros feito aos filhos das amas mercenárias que quando recebam só dos pais (o que na vila não é trivial) sempre roubam dos bens do concelho e particulares a subsistência, que se criassem o seu, era desnecessária semelhante despesa ao concelho.

Eu não brado contra a Santa Providência tomada a favor dos expostos, antes louvo muito tão fria instituição, mas queria ter um tubo de ouro que se ouvisse em todo o mundo para bradar contra os devoradores do povo e bens do concelho envolvidos na capa de pais expostos.

5º É porque aqui aos recém-nascidos e criados por suas próprias mais aproveita o leite colostro, ou soroso que toda a vida é necessário para a expurgação dos meninos ou meninas nos primeiros dias e semanas.

6º Porque os meninos assim expurgados não recebem, como os do povoado, na oficina de um estômago de vil e tenro, o leite de amas que (ainda sendo novo) só é hábil para a nutrição.

7º Porque aqui o leite das mães próprias não é como ali o das mercenárias amas afectado de moléstias hereditárias e adquiridas

como são: a venérea ou morbo gálico, a lefansia ou vírus leproso, étrica, escorbuto, etc.

8º Porque aqui nem se negam ao ar preciso alimento para existir e compor nossos corpos nem os meninos são ligados com demasia para lhe formar pés e cintas delicadas como vejo nos povoados homens (e ainda mais) militares que lhe parecia muito melhor uma roca na cinta do que uma na espada.

9º Enfim porque aqui não toleram meretrizes, vagabundos e ladrões, gente que sendo tolerada nos povoados pela sua contínua prostituição, tirania semeada entre as famílias e conjuges e perdas de vida para lançar mão à fazenda alheia, são os mais decididos inimigos da espécie humana.

Ainda haveria mais a declarar nesta parte respeito à fisionomia e mudanças, etc., mas primeiro noto aqui nos racionais duas outras qualidades de moléstia a que se devia atalhar e são:

1º Apoplexia ignoro como – se cura.

2º A tosse canina nos meninos – Idem.

3º Os ataques hemorroidais que atacam geralmente a todos – Idem.

4º As bexigas, antes de 34 usava-se a vacina e era uma Santa Providência, agora temos juntas de saúde para comer algum vintém e figurar mas para exterminar tão grande mal, tão prejudicial à pátria, não há vacina nem junta de saúde.

Há nos bois e bestas, outros tantos são:

1º A perneira que não tem cura - excepto sangrar adiante dela dizem que já valera alguns.

2º Equinência – vale-se-lhe com a sangria logo e não obedecendo, fumo de pinhos bravos pelo nariz até fazer correr a baba pelos narizes e abater-lhe da garganta e gorgomilhos.

3º A negridão ou espasmo – é sangrá-los logo nas orelhas esta dá em todos os quadrúpedes.

4º A pieira – por trivial já se sabe curar.

A estatura destes lavradores é ordinária, sua robustez e forças são sempre superiores às do homem do povoado mais débil e viciado;

suas idades regulam de 70 a 75 anos conforme sua natureza e tratamento porque alguns tem havido que morreram mais cedo mas houve outros, e ainda os há, que excedam 85 e 90 e ainda vão a pé e vêm no mesmo dia dessa vila.

E quanto aos melhoramentos, dizia ser obrigado João Antonio Gomes de Guimarães a fazer no seu engenho do azeite a Ponte de Lamadarias, um de serrar, madeira e Antonio José de Ar^e Vilar, outro em Veledo.

Deixam os donos das terras, com auxílio da câmara, fazer abrir ao dito João Antonio Gomes o seu açude que está por baixo da ponte desde o dia três de Maio até 3 de Setembro ou Outubro quando o grão se julga já criado, pois por amor de um particular que se utiliza das maquinas dos moinhos, mal podem os lavradores sofrer o prejuízo de mais de 40 carros de pão que causa o encalhe feito pelo açude a uma e outra margem do rio pequeno, como a Câmara se pode enganar em acto de vistoria.

3º Interessaria muito aos lavradores uma junta que os socorresse com empréstimos principalmente a caseiros e pobres para comer e semear, aliás se se criar, nem usar de dízimos, e os ricos fazerem um monopólio, nem o estado tem (em caso de guerra) onde de pronto se possa suprir nem aqueles recurso contra os monopolistas.

4º Deve-se fazer numerar os Irmãos e confrades do Santíssimo Sacramento e Rosário nesta freguesia, e os títulos fundos e quantitativos das mesmas em dinheiro e esmolas certos em género ou dinheiro, se pendente da sua vontade se constasse do compromisso, se por uso e costume.

5º Nos livros assim feitos e rubricados por quem compete deve pôr-se as alterações de cada ano dado caso de venda, alienação, hipoteca, doação, troca, etc., muita verba em que estava Vossa Graça F. de ... de tal parte é obrigado etc. Vide F. ... e ali deveram por hoje é representado por F. comprador. Doador ou ... pelo dito a folhas.

6º O mesmo que destas digo deve fazer o pároco e junta e administradores de S. João Baptista e mais santos que não formam confraria perfeita, cada qual na parte que lhe toque e todos concorrer

o maior e mais perfeito decoro da capela-mor quase de todo arruinada e festividades do costume.

Nada mais pelo que toca ao 15º quesito que assino.

O pároco Antonio Martins da Fonseca
O padre Custodio Joze Martins da Silva e Sá

Quesito 16º

Esta igreja tem corpo suficiente e grandeza para asilar não só o povo da freguesia mas ainda o das filiais. Oxalá assim estivesse a capela-mor; seu orago é S. João Baptista de Castelões etimologiado a folha 3, nº 1, quesitos 5º e 6º. Foi reedificada no mesmo sítio no ano de 1682, como consta dos títulos mais antigos de seu arquivo, o corpo da igreja e a capela-mor, foi o povo mandado requerer à Senhora Condessa de ... que nada fez e agora está de modo predito no quesito 15 à folha 15. Providência 6ª à folha idem. Seu apresentante é o ordinário bracarense por concurso.

A cõngrua no tempo de dízimos já se disse à folha 13 em princípio. A residência é mística ao adro da igreja, tem uns legados constantes de uma tábua pendente ao arco da igreja. Enquanto às confrarias e irmandades (vide quesito décimo quinto à página 214 retro providência 4ª e 5ª e da falta de contas do da Senhora do Rosário) conhecerá Vossa Senhoria que a sua maior influência a 6 ou 8 anos a esta parte é comer-lhe o rendimento e nada mais e assim o resto.

Enquanto às sepulturas, foi encaixilhada pelo povo em 1816 (e) não há sepulturas senão conforme a recomendação de instituições Canónicas *Joanis devoti* página 289 tomo 2 que são as que no parágrafo 5º este canonita chama gentílicas ou paroquiais no caso de não fazerem eleição (vide notas à página 290) vigentes em Itália e ultramontanos *confer interpretes ad cap. 9º de sepulturis*.

Tem cinco altares convém a saber:

1º O maior, na capela-mor, onde está a imagem de S. João Baptista do lado direito e do esquerdo Santa Iria.

Não está neste o Santíssimo por se achar suspenso pelo visitador eclesiástico e indecente para esse fim.

2º Tem o colateral direito onde está o Santíssimo Sacramento e por cima em sua pirâmide S. Caetano.

3º Colateral do lado esquerdo em que está a imagem da Senhora das Dores com o Menino Jesus e por trás em painel S. Miguel Arcanjo com o diabo aos pés.

4º O altar das almas com painel das mesmas e imagens de S. Sebastião, Santo António e S. Francisco.

5º O da Senhora do Rosário, em confrontação com o 4º, tem mais cada um suas Sacras Pedras de Ara e imagem de Jesus Cristo e sobre o arco cruzeiro uma imagem grande de nosso Divino Redentor e aos lados a de Maria Senhora e S. João Evangelista, isto é, no pé da mesma cruz.

Nada mais tenho a dizer nem declarar. Vossa Senhoria entenderá como puder ou quiser sobre semelhantes coisas de tanto trabalho que julgo ter cumprido com o cuidado e verdade recomendado e de baixo do juramento exigido.

S. João Baptista de Castelões, 17 de Maio de 1842
De Vossa Senhoria muito affectuosos veneradores e
súbditos. Obrigadíssimos

O pároco Antonio Martins da Fonseca
O sacerdote consultado
padre Custodio Joze Martins da Silva e Sá

MAPA ESTATÍSTICO		Freguesia de S. João Baptista de Castelões					Lugares			
		1838	1839	1840	1841	1841	1838	1839	1840	1841
		1838	1839	1840	1841	1841	1838	1839	1840	1841
Casados	Homens	41	43	45	46	46	15	15	15	15
	Mulheres	41	43	45	46	46				
Viúvos		12	13	15	14	14				
Viúvas		8	9	11	11	11				
Solteiros	Com menos de 30 anos de idade exclusiva	Nada	0	0	0	0				
	Homens	Nada	0	0	0	0				
	Mulheres									
	Com mais de 30 anos de idade exclusiva	75	83	85	89	89				
Totalidade		98	103	107	112	112	Idem			
Nascidos		275	294	308	318	318				
Mortos	Sexo Masculino	8	4	2	4	4				
	Sexo Feminino	5	2	4	5	5				
	Expostos	1	1	0	0	0				
Casamentos	Sexo Masculino	0	1	3	2	2				
	Sexo Feminino	2	3	3	1	1				
	Expostos	0	0	1	1	1				
Fogos		1	2	2	1	1				
		65	67	65	63	63				

S. João Baptista de Castelões, 24 de Maio de 1842
O pároco Antonio Martins da Fonseca

Vai respondido o mapa estatístico exigido na circular nº 9 conforme o modelo, não só confuso, pelas desnecessárias casas mas também pelas repetições sem epígrafes. Além destes defeitos por excesso, tem o equívoco diminutivo que na totalidade nunca vai compreendido o número de solteiros e solteiras exclusivo a 30 anos, assim como nos lugares que nunca são movíveis; basta uma só casa para



casadesarmento

centro de estudos do património

mostrar o número assim como a repetição de solteiros e solteiras de 30, exclusive, que interpretei dos viúvos, enfim o modelo não está capaz de se entender com facilidade.